

**SALAS DE CINEMA EM LONDRINA:
CONHECIMENTOS PRÉVIOS E O USO DA “FOLHA DE LONDRINA”
PARA O ESTUDO DO CINE OURO VERDE¹**

**MOVIE THEATERS IN LONDRINA: PREVIOUS KNOWLEDGE AND THE USE OF
“FOLHA DE LONDRINA” FOR THE STUDY OF CINE OURO VERDE**

Matheus Henrique Marques Sussai²

RESUMO: O presente texto visa apresentar os resultados obtidos nas atividades realizadas por um bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de licenciatura em História, pela Universidade Estadual de Londrina, no segundo semestre de 2014. A partir do tema “Londrina: 80 Anos”, foram trabalhados temas como “cinema” e “salas de cinema” na sala de aula. As atividades se basearam em questionários de conhecimentos prévios e em discussões das fontes sobre o Cine Ouro Verde em sala de aula, sendo essas fontes artigos de jornais. A partir das atividades com os alunos, consideramos que temas como o cinema, que estão muito perto da vida dos alunos, os interessam muito, facilitando uma percepção de que fazem parte da História que tanto estudam nos livros didáticos, sendo agentes ativos na construção do seu conhecimento. O relato de experiência docente também é tema deste trabalho, sendo o primeiro contato do aluno de licenciatura em História com a sala de aula importante para a sua formação profissional.

Palavras-chave: Ensino de História. Salas de Cinema. Conhecimentos prévios. Fontes. Cine Ouro Verde.

ABSTRACT: This text aims to present the results obtained in the activities carried out by a scholarship student of Institutional Scholarship Program of Introduction to Teaching (PIBID), degree in History, from the State University of Londrina, in the second half of 2014. From the theme "Londrina: 80 Years" were worked out themes such as "cinema" and "movie theaters" in the classroom. The activities were based on questionnaires from previous knowledge and in discussions of sources about the Cine Ouro Verde in the classroom, being these sources newspaper articles. From the activities with students, we believe that topics such as movies, which are very close to the students' life, interest them a lot, facilitating a perception that they are part of history, so much studied in textbooks, being active agents in the construction of their knowledge. The teaching experience report is also subject of this work, being the History student's first contact with the classroom very important for his professional graduation.

Keywords: History Teaching. Movie Theaters. Previous Knowledge. Sources. Cine Ouro Verde.

¹ Trabalho financiado pela CAPES a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

² Aluno do Curso de Graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), e participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo relatar as atividades realizadas por um bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de História, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no segundo semestre do ano de 2014. No referido ano, cada semestre obteve um tema geral para ser trabalhado pelos bolsistas, sendo o tema do segundo semestre: "Londrina: 80 Anos". Dentro dessa temática, trabalhamos³ com a história das salas de cinema em Londrina, dando enfoque para o Cine Teatro Ouro Verde.

Pretendemos demonstrar como foram realizadas as observações da escola em que os trabalhos foram feitos (Colégio Estadual Tsuru Oguido – Londrina/PR), como nos relacionamos com os alunos, como planejamos e procedemos com as atividades em sala de aula (sendo elas: questionários de conhecimentos prévios e interpretações de fontes sobre o Cine Teatro Ouro Verde), e analisar os resultados obtidos pelos questionários e pelas interpretações escritas das fontes⁴.

A discussão do campo regional é necessária neste texto, pois todos os participantes das atividades (alunos do colégio, bolsistas do PIBID, professores supervisores), estão, de diferentes formas, em relação com a cidade em questão, que é o tema central deste projeto: Londrina e os seus oitenta anos, que foram comemorados no dia 10 de Dezembro do ano de 2014.

Este texto também discorrerá sobre como procuramos incitar discussões com os alunos sobre uma história da qual eles veem que fazem parte desta construção, pois muitos não partilham da ideia de que vivem e constroem a história a todo o momento. Veremos que com a História Regional, esse diálogo se torna mais fácil.

Por se tratar de um relato de experiência do PIBID, este texto possui objetivos variados e pretende também, falar da prática do aluno do curso de licenciatura em História na sala de aula. O seu primeiro contato com uma turma de alunos e como ele foi planejado e realizado, é de extrema importância para a formação profissional do professor de História.

³ As atividades do PIBID são realizadas em duplas, sendo o meu parceiro de atividades o bolsista Lucas Bagio Furtoso.

⁴ Seis artigos do jornal "Folha de Londrina", pertencendo aos anos de 1977 a 1999, todos fazendo referência ao Cine Teatro Ouro Verde.

1. Metodologia: da escolha do tema à aula-oficina

O reconhecimento do colégio, e a atividade de acompanhar o professor de História do Colégio Estadual Tsuru Oguido em suas aulas, são tarefas que os bolsistas do PIBID/História realizaram para conhecer o local de trabalho, ir se acostumando, e entrar no ritmo da rotina de um professor. As observações em sala de aula não foram necessariamente feitas apenas na classe que os bolsistas trabalharam, mas naquelas em que o professor teve que cumprir no seu horário escolar.

Após determinado que iríamos trabalhar com o oitavo ano (8º A), aplicamos um questionário de conhecimentos prévios para os alunos da referida classe. A delimitação do tema sobre o Cine Teatro Ouro Verde ainda não havia sido feita, então o questionário partiu de questões gerais sobre cinema, salas de cinema, história e ensino. No questionário, residiam as seguintes questões:

- 1) Você tem (ou tinha) o hábito de ir ao cinema? Com que frequência? Com quem você geralmente vai (ou ia)?
- 2) Quais tipos de filmes você costuma(va) assistir? De quais gêneros? Eles geralmente são (eram) nacionais ou estrangeiros?
- 3) Quais cinemas de Londrina você conhece? Conversando com seu companheiro de atividade, descreva quais são as principais diferenças das salas de cinema de antigamente para as atuais.
- 4) Você acha que é possível aprender História no cinema? Você se lembra de algum filme que assistiu em que aprendeu algo? Conte sobre sua experiência.

Depois de aplicarmos e analisarmos os questionários, análise que será apresentada neste texto, delimitamos o tema de trabalho em sala de aula para: O Cine Teatro Ouro Verde na Folha de Londrina (1977-1999), devido a importância de se trabalhar fontes históricas com os alunos, tendo como método o modelo de "Aula-oficina" de Isabel Barca (2004), e também do alto reconhecimento do Cine Ouro Verde pela sociedade Londrinense.

Antes da realização da aula-oficina, foi necessária uma aula que se destinasse a discutir um pouco sobre a história de Londrina e de algumas salas de cinema da cidade. Quando tratamos de Londrina em sala de aula, muitas ideias e palavras-chaves aparecem na voz dos alunos sobre o tema, tais como: Pequena Londres, cidade do café, Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), entre outros. É importante lembrar que, as palavras mostradas acima, fazem parte e, dependendo de como são utilizadas, fortalecem uma historiografia que defende a história da elite pioneira em Londrina, onde só existe lugar para os grandes homens da história, considerados ícones por uma visão de história que prejudicou muitas pessoas que não tiveram meios de contar a sua versão, ficando apenas como passivos nessa construção histórica.

O Cine Teatro Ouro Verde, como veremos, foi importantíssimo para a propaganda da cidade, que se caracterizou como avançada e no ritmo do progresso, devido ao fato de ser um cinema considerado desenvolvido e podendo ser comparado aos das grandes capitais nacionais (SUZUKI, 2003). Sendo assim, a primeira aula realizada se importou com a história do cinema em Londrina e dos primeiros realizadores, não muito lembrados pela historiografia pioneira.

Não temos espaço para detalhar todos os personagens e salas de cinema que conseguimos discutir com os alunos, mas segue aqui alguns deles e suas referências, para o leitor obter mais informações: Hikoma Ujihara (1882-1972), conhecido como o primeiro a filmar pedaços das terras que posteriormente seriam conhecidas como a cidade de Londrina⁵. Ujihara era empregado da CTNP e utilizava suas películas para estimular a vinda dos imigrantes japoneses para a região londrinense (MIOTO, 2015). Também discutimos brevemente a respeito dos cineclubes londrinenses, e sobre as outras salas de cinema, fora o Cine Ouro Verde, sendo algumas delas: "Cine Jóia (1956-1975), que foi o Cine Teatro Municipal entre 1940 e 1955, o Cine Marabá (1940-1954), o único que não era no centro, localizado na Vila Casoni, entre outros." (EVANGELISTA, 2014).

Depois dessa introdução sobre Londrina e suas salas de cinema, demos início à aula-oficina com os jornais da Folha de Londrina. No total, foram três aulas, uma de introdução, já comentada, e duas para a realização das

⁵ Londrina foi criada em 1934, e a instalação do município ocorreu no dia 10 de dezembro, sendo o nome dado em homenagem à cidade de Londres – "Pequena Londres", pelo Dr. Domingues Sampaio, um dos primeiros diretores da CTNP. (HISTÓRIA DA CIDADE, 2015).

atividades. Os seis artigos dos jornais fazem parte do acervo do CDPH – Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – da UEL, e foram selecionados visando uma compreensão acerca de alguns acontecimentos importantes na história do Cine Teatro Ouro Verde, entre eles: a compra do cinema pela UEL, a transformação em teatro, os fechamentos devido a alguns problemas na estrutura, as negociações para tombamento, entre outros. Os periódicos fazem referência ao período de 1977 a 1999, não enfocando temas como a construção e inauguração do cinema (1952), e nem o fechamento oficial do espaço como sala de cinema (2002), virando apenas teatro.

A partir de Isabel Barca (2004, p. 133), tivemos o intuito de um aprendizado onde o aluno fizesse parte dessa construção do conhecimento, que fosse agente da sua própria formação, com ideias prévias e experiências diversas, e o professor um investigador social, que organiza as atividades e as problematiza. Para isso, dividimos a sala em seis grupos de 4 ou 5 alunos, e entregamos cópias dos jornais, cada grupo ficando com apenas uma matéria para leitura e interpretação.

O primeiro objetivo de uma interpretação com os alunos é dizer se a fonte é primária ou secundária (SCHMIDT & CAINELLI, 2009). Sendo os artigos dos jornais contemporâneos aos assuntos que tratavam, os alunos os identificaram como fontes primárias. A discussão do jornal e da imprensa como fontes também foi realizada brevemente com os alunos, para que estes compreendessem que o historiador, ao longo do tempo, olhou de diferentes formas e métodos para os objetos que estudou. Neste caso, o periódico foi muitas vezes visto como uma fonte que confirmava outra, ou confrontava, não passando por uma crítica mais rigorosa (CAMARGO, 1971, p. 226), o que ocultava sua importância específica, pois era utilizado como um apoio.

Tania Regina de Luca (2014, p. 118) vai dizer que no Brasil: “O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica.”, agora, não sendo usado apenas para confirmação de outro documento, e nem só como um mero veículo de informações. A historiadora ainda diz: “[...] não é viável sugerir um procedimento metodológico

ou mesmo técnicas de pesquisa que deem conta de tantas possibilidades.” (LUCA, 2014, p. 141).

É importante lembrar que a história do Cine Teatro Ouro Verde, diferente das outras salas de cinema que citamos aqui, não foi discutida em sala de aula, pois deixamos que os alunos entrassem em contato com as fontes primeiramente, e a partir delas e de seus conhecimentos prévios sobre o assunto, escrevessem as suas interpretações sobre os artigos de jornais lidos. Essas interpretações foram escritas em papéis sulfite, com os nomes de todos os alunos de cada grupo, onde estes colocaram o nome da matéria do jornal, a data da publicação, e suas interpretações a respeito das informações.

Como está sendo essa relação do aluno do colégio estadual para com a história regional? É uma questão a se pensar e sempre estar sendo revisada e discutida. O próximo item buscará falar um pouco sobre isso, mas enfocando também em como é importante essa interação do aluno com a história do local ao qual ele vive o seu cotidiano.

2. O Aluno e a História Regional

Como o presente texto vem tentando mostrar, o aluno é parte importante da sua produção de conhecimento, e não deve ser ignorado nos estudos do Ensino de História. A partir das interpretações realizadas pelos alunos para com os artigos do jornal “Folha de Londrina”, um pouco do mundo do historiador pôde ser presenciado por esses participantes que estão perto de iniciarem a sua vida no ensino médio.

O contato com a fonte em sala de aula possibilita que os alunos do 8º A do Colégio Estadual Tsuru Oguido tenham algumas noções de quais são os ofícios do historiador e professor de história. Fazendo eles mesmos as suas interpretações sobre os jornais, como veremos logo mais, puderam perceber como a História é baseada em interpretações, sempre se relacionando com os documentos que o historiador trabalha. O nosso objetivo aqui não foi que o aluno considerasse a história como apenas um ponto de vista, mas que esse possa aprender a ser mais seletivo com as respostas sobre o passado e presente, que saiba conseguir

chegar a um argumento mais adequado sobre esses assuntos (RAMOS, 2014, p. 22).

Os alunos com os quais nos interagimos durante todas essas atividades se mostraram muito descrentes para fazer qualquer ligação entre eles e a História. A força da chamada "História Tradicional" ainda é muito presente na sala de aula que trabalhamos, onde os alunos não se sentiam pertencidos à história com a qual tanto escutam falar a partir do livro didático e de outros meios de ensino dentro de classe.

Nas palavras de Isabel Barca: "Segundo Rüsen [...], a consciência histórica sustenta e é sustentada (pel)a consciência social e, por isso, é simultaneamente geradora de, e alimentada por um sentido de identidade." (BARCA, 2011, p. 31). Quando é apontada a importância de se questionar os usos que os alunos fazem do passado e o pensamento e as ideias sobre história que estes possuem, é onde colocamos a perspectiva de que a História Regional facilita a percepção e associação do aluno sobre o fato de que ele também constrói a sua história, tendo parte essencial na produção do seu conhecimento.

Arthur H. L. Lobo e Pedro A. dos S. Luiz (2014, p. 220) vão dizer que:

No sentido de afirmar que os alunos fazem parte da História, a percepção da História local, por ser mais próxima da realidade do aluno, pode ser o catalisador desse processo perceptivo. É necessário que o aluno entenda que em seu cotidiano ele está escrevendo a história.

É a partir da história regional que tentamos mostrar aos alunos que eles também fazem parte e ajudam a construir a História que tanto escutam em sala de aula. É muito importante que tenhamos em mente que o cotidiano, e o que muitos chamam de senso comum, é relevante para o estudo de história. Segundo Isabel Barca, "O saber constrói-se a partir das experiências dentro e fora da escola: o meio familiar e os *media* fornecem aos alunos ideias mais ou menos adequadas, mais ou menos fragmentadas, sobre a História." (BARCA, 2011, p. 35).

3. Análise dos questionários: o cinema e as salas de cinema em Londrina a partir dos conhecimentos prévios

O questionário de conhecimentos prévios foi realizado nessa pesquisa pois o que o aluno já sabe sobre determinado assunto, é o elemento chave para o próximo passo que o professor deve tomar.

Segundo Ausubel, psicólogo da educação:

Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra isso e ensine-o de acordo (AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN, 1980, p. 137).

Ausubel não se utiliza do conhecimento prévio por ele mesmo, mas trata este como uma situação de ancoragem, ou seja, um “[...] processo de integração de novos conteúdos (conceitos, proposições) à estrutura cognitiva do sujeito.” (ALEGRO, 2008, p. 39). É a partir do que o aluno sabe sobre o tema, que podemos ajudá-lo com a mediação de aprendizagens onde este participa também como construtor ativo do seu conhecimento.

No total, foram analisados 12 (doze) questionários respondidos pelos alunos do oitavo ano (8º A) do Colégio Estadual Tsuru Oguido. Os alunos foram orientados que seria interessante quando fossem responder as perguntas, contarem com a participação de pais ou parentes mais próximos – preferencialmente aqueles que morassem na mesma casa do aluno. Dos doze alunos, dez tinham 13 anos, um 16, e outro 14 anos.

Sobre a primeira questão, dos doze alunos, apenas um respondeu que não ia ao cinema, devido a problemas financeiros. As outras onze respostas mostravam que esses alunos que frequentemente iam ao cinema, estavam sempre acompanhados dos pais ou parentes. Nenhuma resposta explicitou a ação de ir ao cinema com amigos.

A segunda pergunta conseguiu respostas mais diversificadas, onde os filmes brasileiros, principalmente os de comédia, foram muito citados entre os escritos dos alunos. Mas a maioria destacou que a maior parte dos filmes que assistem são internacionais. A única resposta que não se enquadra nas categorias acima é a do aluno que disse não frequentar o cinema.

A terceira questão inicialmente trouxe respostas esperadas, onde as salas de cinema que os alunos mais conhecem são as que existem atualmente: Cinemark (*Boulevard Londrina Shopping*), Cine Araújo (Catuaí Shopping Londrina), Cinesystem (Londrina Norte Shopping) e Cine *Lumière* (*Royal Plaza Shopping*)⁶. A participação dos companheiros de atividades dos alunos se fez importantíssima nessa questão, pois muitos deles lembraram as salas de cinema: Cine Vila Rica, Cine Com-Tour, Cine Teatro Ouro Verde, entre outros. Sobre as transformações dos cinemas ao longo do tempo, obtivemos informações como: o cinema mudo e a transição para o cinema audiovisual, o conforto das salas atuais se comparadas com as antigas, a chegada do cinema 3D, a climatização atual existente nas salas, e a passagem da sala de cinema como local único, para a interiorização dessas nos *shoppings centers* (observação mais apontada pelas respostas dos alunos), sendo raramente encontrada uma sala de cinema que se localize fora de um shopping.

As respostas dos alunos referentes à quarta questão demonstram como os grandes temas consagrados da historiografia, os geralmente preferidos pelos alunos, se legitimam cada vez mais no gosto popular. Temas como: Grécia e mitologia grega, os romanos, primeira e segunda guerras mundiais, entre outros conteúdos altamente admiráveis e interessantes para a população. Não esquecendo a exceção, um tema que apareceu de forma inesperada foi a colonização brasileira. Para relatar alguns dos filmes citados: "300" foi muito referenciado, "A Lista de *Schindler*" apareceu uma vez, "Tropa de Elite", filmes referentes à vida de líderes religiosos (principalmente do cristianismo), e até "Percy Jackson e o Ladrão de Raios" foi colocado por um aluno, pois ensina, mesmo que pouco - como diz o aluno - , sobre mitologia grega.

4. O Cine Teatro Ouro Verde: uma história cheia de empecilhos

O Cine Ouro Verde, primeiramente apenas cinema, foi idealizado por Sr. Jordão Santoro, que chegou em Londrina no ano de 1935, e era diretor da SAL (Sociedade Amigos de Londrina) (BONI et al, 2013, p. 188). Após a aprovação

⁶ Estas salas de cinema foram as mais citadas pelos alunos, mas não são as únicas salas existentes atualmente. Como notado, todas fazem parte de shopping centers.

do projeto do prédio, este foi encaminhado para os arquitetos que seriam responsáveis: João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, e a execução da obra ficaria a cargo do engenheiro Rubens Cascaldi (CASTELNOU, 2002, p. 153). João Batista Vilanova Artigas é considerado um dos maiores nomes da arquitetura brasileira, e havia sido responsável pelo projeto do prédio vizinho onde seria construído o cinema, o Edifício *Autolon* (BONI et al, 2013, p. 188). Já Carlos Cascaldi, “[...] consagrava-se por ter projetado o estádio do Morumbi e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.” (MUNHOZ, 2013, p. 30).

Como vemos, os responsáveis pela construção do edifício foram selecionados pelo seu reconhecimento de alto nível de trabalho no contexto da época. Foi em um período de quatro anos que a obra se concluiu - entre a aprovação do projeto e a sua inauguração - e o Cine Ouro Verde abriu as portas pela primeira vez no dia 24 de Dezembro de 1952 (SUZUKI, 2003, p. 88-91), sendo o primeiro filme a estrear as requintadas telas do mais novo cinema de Londrina: “*Meu coração canta*”, um drama musical produzido nos Estados Unidos no ano de 1952, estrelado por Susan Hayward e dirigido por Walter Lange (BONI, et al, 2013, p. 188). A partir de então, o Cine Ouro Verde inicia a sua história cheia de sucessos, conquistas e triunfos, mas também de empecilhos.

O Cine Ouro Verde possui uma característica diferente dos cinemas contemporâneos, assunto posteriormente discutido com os alunos em sala de aula. A diferença está em ter sido também um grande ponto referencial de encontro e de interações e relações sociais, o que os cinemas atuais continuam perdendo aos poucos:

Desde sua inauguração, as sessões de cinema, particularmente a matinal das dez e meia e a das oito horas de domingo, converteram-se no ponto de encontro da elite da cidade. [...] Mais do que um cinema, os arquitetos certamente sabiam que projetavam um local de encontro – Artigas e Cascaldi criaram amplos espaços de estar para o público, muito utilizados pelos fazendeiros de café para conversar e fazer negócios. (SUZUKI, 2003, p. 91-92).

É no ano de 1978 que o Cine Ouro Verde, após entrar em decadência e se tornar alvo de disputa entre alguns acionistas, foi comprado pela Universidade Estadual de Londrina, através de recursos do governo do Paraná e do Ministério

da Educação (CASTELNOU, 2002, p. 155), e a partir daí, se transformava em Cine Teatro Ouro Verde.

Os empecilhos na trajetória deste cinema, que foram fatores relevantes nas transformações acerca do edifício, ainda estavam longe de acabar:

No dia 08 de agosto de 1985, o prédio foi interditado por determinação da UEL, quando um funcionário percebeu que a estrutura de madeira que sustentava o telhado estava seriamente danificada, correndo o risco de desabar. Aproveitando o fato do estabelecimento ficar fechado por algum tempo, a prefeitura do campus da UEL elaborou um projeto para reformar o palco, os camarins e o balcão do cinema. [...] aproximadamente 10 meses depois, o estabelecimento foi reaberto com o nome de Cine Teatro Universitário Ouro Verde, no dia 24 de maio de 1986 [...]. Em 1999, foi tombado como patrimônio histórico e artístico, o que garantiu a sua conservação como importante marco moderno do norte paranaense. (CASTELNOU, 2002, p. 155-156).

Poderemos ver melhor na hora que analisarmos os escritos dos alunos sobre as fontes, algumas transformações que foram ocorrendo no edifício do Cine Teatro Universitário (pós-1986) Ouro Verde. A seleção das matérias da Folha de Londrina buscou passar por essas transformações e trabalhá-las em sala de aula, proporcionando um debate rico em interpretações. Mas isso, veremos mais adiante.

Após muitos empecilhos e barreiras, a história do Cine Teatro Ouro Verde também vive a presença em grande escala da televisão e outros veículos midiáticos de comunicação (tais como a internet e todas as suas redes sociais, o rádio, celulares mais avançados, etc.), o que influencia muito na perda de público para um cinema com moldes mais antigos se comparados com as novas linhas de cinema contemporâneos que vieram com os shoppings centers. Ou seja, a maioria dos cinemas com características parecidas com as do tão renomado Cine Ouro Verde, foram perdendo o seu lugar na vida social das pessoas. No ano de 2002, o Ouro Verde, oficialmente, por meio de um decreto do Governo do Estado do Paraná, deixa de ser uma sala de cinema. "Em abril de 2010, aconteceu a última exibição de filme no Ouro Verde, [...] uma sessão esporádica e exceção nos últimos anos [...]" (EVANGELISTA, 2014, p. 01).

A sua trajetória não termina aí, pois no dia 12 de fevereiro de 2012, um lamentável acontecimento se acrescenta à história do Cine Teatro Ouro Verde:

“Parte do edifício foi destruída após um incêndio, no dia 12 de fevereiro de 2012, causado por um curto circuito. Esforços do Governo do Paraná e da UEL são realizados para restaurar a construção.” (CINE...,2015). A citação a cima faz referência ao *site* da prefeitura de Londrina, sendo isto que ela nos informa sobre o acontecido.

As reformas referentes ao cinema não pararam, mas devido a atual crise no estado do Paraná, o número de pessoas na obra foi reduzido. Já se foram três anos desde que o cinema pegou fogo, e desde lá as reformas vêm sendo feitas. Segundo o jornal “Gazeta do Povo”, o prazo era até julho de 2015, mas devido às dívidas do governo com a empresa responsável pelas obras, provavelmente o Cine Teatro Ouro Verde fique pronto até dezembro de 2015 (MAROS, 2015).

Agora iremos analisar os escritos dos alunos a respeito das matérias de jornal sobre o Cine Teatro Ouro Verde, explicitando como a atividade foi recebida e realizada pelos estudantes do oitavo ano do Colégio Estadual Tsuru Oguido.

5. Atividade em sala: o Cine Teatro Ouro Verde na Folha de Londrina (1977-1999)

O tópico acima, referente aos conteúdos e estudos dos autores que utilizei para falar um pouco do Cine Teatro Ouro Verde, não foi discutido em sala de aula com os alunos que participaram da atividade de interpretação das fontes sobre o Cinema em questão. O contato dos alunos envolvidos com a fonte aconteceu antes de uma discussão sobre o objeto de estudo, que neste caso é o Cine Ouro Verde.

O estudo da História local dentro da sala de aula teve o seu reforço com a produção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na segunda metade da década de 90. Desde então, o estudo da história local/regional vem ganhando força dentro das salas de aula. (GERMINARI, 2011, p. 99).

Esse trabalho que leva o aluno ao contato com a fonte logo de início, pretende se diferenciar de modelos de aulas como “aula-colóquio”, “aula-conferência”, e outros tipos de relações entre professores e alunos, onde os primeiros são tomados como o centro de todo o conhecimento e os alunos meros

receptores de informação. Para isso, tomamos como base o modelo de “Aula-oficina” da historiadora portuguesa Isabel Barca (2004).

Uma aula-oficina se caracteriza por levar em conta também o conhecimento prévio do aluno sobre determinado assunto (tema já muito discutido neste texto). Afinal, quando o aluno entra em contato com a fonte sem ser feita qualquer introdução⁷ ao conteúdo, ele necessariamente irá utilizar aquilo que já sabe sobre o tema para poder obter uma melhor compreensão. É claro que esses conhecimentos prévios, assim como as posteriores interpretações desses alunos, variam de acordo ao conhecimento sobre o assunto que cada aluno possui, o desenvolvimento da capacidade interpretativa e discursiva de cada um, a idade, e vários outros fatores.

Para complementar, segundo a historiadora Isabel Barca (2004), uma “aula-oficina” deseja atender às seguintes vertentes:

Levantar e trabalhar de forma diferenciada as ideias iniciais que os alunos manifestam tacitamente, tendo em atenção que estas ideias prévias podem ser mais vagas ou mais precisas, mais alternativas à ciência ou mais consistentes com esta. [...] Propor questões problematizadoras, que constituam um desafio cognitivo adequado aos alunos em presença e não apenas um simples percorrer de conteúdos sem significado para os jovens. [...] Desenhar tarefas adequadas ao desenvolvimento das instrumentalizações em foco, que ultrapassem uma interpretação linear das fontes ou a compreensão simplista de uma qualquer versão histórica sobre o passado. [...] Integrar as tarefas em situações diversificadas, não esquecendo a potencialidade de os alunos trabalharem em pares ou individualmente, oralmente e por escrito. [...] Avaliar qualitativamente, em termos de progressão da aprendizagem, o nível conceitual dos alunos, em vários momentos da(s) aula(s). (p. 135).

A citação acima deixa clara a importância da avaliação do professor para com os alunos. No caso desse relato de experiência, o leitor notará que a atividade em sala se pautou em uma discussão realizada entre nós (participantes do PIBID), e os alunos em sala de aula. A atividade de interpretação das fontes teve como resultado escrito anotações dos alunos sobre a matéria que cada grupo se comprometeu a trabalhar. Os alunos foram divididos em seis grupos,

⁷ Aqui estamos nos referindo a uma introdução sobre os conteúdos referentes nas matérias do jornal, ou seja, a própria história do Cine Teatro Ouro Verde. Uma introdução sobre análise à fonte e como pretendíamos realizar a atividade foi feita, como podemos ver na Metodologia.

sendo que cada grupo entregou, ao final da atividade, uma folha sulfite com o título da matéria, a data de publicação, o nome de todos os alunos participantes do grupo, e as anotações que estes fizeram sobre o conteúdo do jornal. O que quero deixar claro aqui, é que os alunos participaram de uma discussão vívida em sala de aula, onde os escritos que nos restaram para serem avaliados, por si só não conseguem reproduzir todos os estudos, discussões e debates que a atividade em questão ocasionou.

Sendo essa atividade de sala de aula discutida no “IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e IV Encontro Internacional do Ensino de História”, realizado na cidade de Belo Horizonte (MG), consideramos que a avaliação oral sobre essa atividade possui uma importância enorme. Mas nesse caso, não foi feito nenhum tipo de gravação para que pudéssemos analisar as falas posteriormente. Sobre o ato de gravar e avaliar os alunos oralmente, poderemos pensar isso para trabalhos futuros, e nesse texto seguiremos analisando as anotações escritas dos alunos referentes aos artigos da “Folha de Londrina” (1977-1999).

O primeiro grupo continha quatro participantes, todos do sexo masculino. Como as respostas foram acopladas em apenas uma folha por grupo, ou seja, eram respostas que correspondiam a todos os alunos, preferimos não apresentar os nomes reais dos atuantes dessa pesquisa de campo para preservar as suas identidades. Esse grupo inicial ficou com a matéria de título: “Londrina pode ter um dos melhores teatros do País” (Data: 29/10/1977). Os alunos fizeram apontamentos dizendo que a Universidade Estadual de Londrina estava, na época, interessada em comprar o Cine Ouro Verde, e que o interesse da universidade nessa compra era objetivando colocar em ação peças de teatro. Como nos aponta o aluno Rafael⁸:

A matéria relata que a 'UEL' se interessa em comprar o cinema Ouro Verde com o intuito de acrescentar peças de teatro.

O primeiro grupo de alunos também apontou para as defesas que o texto do jornal faz para com o Cine Ouro Verde, onde o aluno Pedro escreveu:

⁸ Nome fictício para preservar a identidade do aluno. É necessário lembrar que todos os escritos dos alunos que foram reproduzidos neste texto, estão na forma original da escrita, para que não perdéssemos a sua particularidade e originalidade.

O Cine Teatro Ouro Verde é todo favorável: tem boas poltronas, saída de emergência de atores e de pessoal técnico, independente do público, boa aparelhagem [...].

Essa matéria inicial foi de extrema importância, pois se objetivou a introduzir o tema em sala. A partir dela, os alunos compreenderam que o Cine Teatro Ouro Verde não era teatro desde a sua criação, mas que teve de sofrer alterações na sua estrutura e política (compra do Cinema pela UEL) para poder ser cinema e teatro.

O segundo grupo foi composto por cinco alunos, dois do sexo feminino, e três do masculino. Este grupo ficou responsável pela matéria intitulada: "Ouro Verde depredado", que é datada de 17/04/1984. A atividade escrita desse grupo demonstrou ser mais um resumo do artigo do que uma análise crítica, onde disseram que o Cine Teatro Ouro Verde – agora com a palavra "teatro" incorporada ao nome – havia sido danificado após um show de rock.

Para podermos incitar uma discussão mais aprofundada entre os alunos do grupo, lemos e conversamos com eles a respeito da matéria em questão. Após algumas conversas, os alunos perceberam que as negociações sobre a UEL querer comprar o Cine Ouro Verde, da matéria referente ao primeiro grupo, e transformá-lo em Cine Teatro Ouro Verde, haviam sido concluídas. Pois no texto do jornal o nome "Cine Teatro" é citado algumas vezes, e o fato de estar relatando estragos feitos por um show de rock, demonstra que o local não era usado só como cinema.

Para confirmar o que foi dito acima e introduzir novas perspectivas dos alunos sobre o texto do jornal, cito aqui alguns trechos do que a aluna Aline escreveu a respeito da matéria:

A matéria [...] conta sobre uma banda "Made in Brazil" que cantava rock "paulera". Durante o show muitos jovens que estavam na plateia começaram a quebrar e riscar tudo que encontravam pela frente tudo isso em quanto freneticamente numa noite de sábado. [...] O show Made in Brazil não estava movido apenas a rock.

É interessante atentarmos para como a aluna faz uma associação estereotipada entre os cantores e as pessoas que frequentam um show de "rock paulera", como diz a aluna, os comparando, ou melhor, já induzindo um discurso

onde essas pessoas estão movidas por outras coisas, e não só pela música. Essas outras coisas, como a aluna não especifica, deduzimos que seriam substâncias que alteram as funções normais de um organismo: mais conhecidas como "drogas".

O terceiro grupo foi formado por cinco alunas, e a matéria possuía o título de: "Interditado" (09/08/1985) - data referente ao dia posterior da interdição. Como o próprio título explica muito bem, o artigo faz referência ao fechamento das portas do Cine Teatro devido a estragos consideráveis em sua estrutura. As alunas fizeram a ligação entre a matéria anterior, onde o show de rock havia ocasionado alguns tormentos estruturais no prédio.

Com base nas informações da matéria, a aluna Amanda escreve:

No caso, por exemplo, de ser apenas um "concerto", o local estará liberado dentro de um mês. Se for necessário trocar a estrutura, o que parece ser o mais provável, este prazo pode se prolongar por três meses, no mínimo.

Para continuarmos, é preciso chamar a quarta matéria, com o título de "A volta das sessões de cinema e de teatro" (24/05/1986), onde os alunos desses dois grupos, o 3 (grupo anterior), e o 4 (composto por um menino e três meninas), discutindo em conjunto, apontaram para o fato de que na matéria de 1985, as informações mostravam que as reformas não demorariam mais de um mês. Mas é só no mês de maio do ano de 1986 que o cinema abre as suas portas novamente, aproximadamente 10 meses depois da sua data de interdição. Os alunos do grupo 4 ainda deixaram de apontar muitas informações importantes, como o que foi alterado nas reformas, e que estas só começaram realmente cinco meses depois da data de interdição do estabelecimento.

O quinto grupo, composto por cinco alunos (três do sexo feminino e dois do masculino), trabalhou com a matéria intitulada: "Ouro Verde pode ser tombado", datada de 18 de abril de 1998. Os alunos conseguiram compreender e passar as suas interpretações para o papel de forma bem clara, onde faltaram algumas poucas informações. Como o nome já diz, esse artigo foi escrito em um contexto histórico onde o tombamento do Cine Teatro Ouro Verde estava em discussão, e o projeto já havia sido encaminhado para debate. Isso porque, segundo a matéria, o prédio estava sendo muito procurado por imobiliárias e

afins para construção de outros estabelecimentos no local, ou como mostra bem a matéria, para a conversão em um templo religioso.

O aluno Leonardo, se utilizando de algumas palavras do prefeito Antonio Belinati presentes no texto do jornal, escreve que:

Esse projeto é importante para evitar os deslizes cometidos no passado. Quando destruíam alguns prédios históricos da cidade como as antigas câmaras e prefeituras.

O sexto grupo, composto por cinco participantes (duas meninas e três meninos), se responsabilizou pela matéria de nome: "Londrina pode perder um cinema" (06/02/1999), último documento analisado. Os participantes desse grupo não fizeram mais que um resumo do texto lido.

Segundo o aluno Anderson:

A matéria diz que ele pode deixar de apresentar filmes por falta de público, também diz que no segundo semestre do ano o "cine teatro" passará por reformas das quais serão destacadas suas características de teatro, para isso seria liberado uma verba de R\$ 1 milhão.

A matéria destaca realmente a grande possibilidade de o Cine Teatro Ouro Verde deixar de ser cinema e passar a ser apenas teatro. Mas a partir de discussão ampla em sala, com a participação de todos os alunos e também de nós bolsistas do PIBID, pudemos debater temas como a disseminação em massa de novas mídias e veículos de comunicação, onde a televisão ganhou um espaço enorme na vida cotidiana e social das pessoas. Isso influencia de modo direto ao público do Cine Ouro Verde, pois no ano de 1999, data do sexto artigo, esse estilo de cinema já não era o mais atual, diferente de como o Cine Ouro Verde era bem caracterizado no ano de 1952, por volta de sua inauguração. O tempo e as transformações que esse trás, fez com que vários fatores intervissem e ocasionassem o fechamento do cinema no prédio do Cine Teatro no ano de 2002, sendo a sua última exibição fílmica em 2010 (edição especial). Os alunos ainda nos perguntaram se o prédio havia sido tombado, e nós os informamos que sim, no final do ano de 1999.

Como já dito, uma avaliação oral das discussões realizadas em sala de aula não foi possível devido à falta do recolhimento das falas dos alunos. Mas cabe aqui um comentário geral, tanto dos debates orais em classe, quanto dos escritos que já analisamos. Como pudemos reparar nos escritos dos alunos, a diversidade de estilos de resposta está presente em todos os textos, afinal não se esperava respostas com critérios parecidos. A forma discursiva de cada aluno se mostra diferente por vários motivos, que já se diversificam desde a primeira interpretação que o aluno faz da fonte.

De forma geral, os alunos se mostraram muito participativos e interessados em realizar as atividades propostas e buscar conhecimentos novos. Iniciei essa discussão falando sobre os PCNs e o enfoque na história regional, mas essa se mostrou de grande forma desconhecida pelos alunos do 8º A do Colégio Estadual Tsuru Oguido, desde os primeiros comentários sobre a história da cidade, que foi necessária para adentrarmos na especificidade da trajetória vivenciada pelo Cine Ouro Verde, até a própria história desse último.

Considerações Finais

O presente texto objetivou apresentar os resultados de um dos trabalhos realizados pelo PIBID de licenciatura em História da UEL no segundo semestre do ano de 2014. Assim, a partir do tema cinema em sala de aula, enfocando no Cine Teatro Ouro Verde e utilizando como documentos seis artigos da "Folha de Londrina", trabalhamos discussões como a história regional dentro de sala e a participação do aluno na construção do seu conhecimento e da sua História. A discussão do campo regional se fez necessária, pois todos os participantes, tanto os bolsistas, como os alunos, possuem relações com a cidade de Londrina: é o local onde vivem, estudam, trabalham, e onde muitos nasceram.

Por também ser um relato de experiência, é importante colocarmos algumas observações para a importância do PIBID na formação de um professor de história. Essa oportunidade que o aluno do curso de licenciatura em história tem ao poder fazer parte desse projeto, possibilita que ele entre em sala ainda na sua primeira formação acadêmica (a graduação) e já possa sentir um pouco

de como é o mundo de um professor dentro de sala de aula. Esse primeiro contato, as preparações, as reuniões, as leituras, influenciam de forma relevante na sua formação profissional como professor de História. A possibilidade de poder trabalhar de forma diferente em sala de aula, com o intuito de buscar sempre novas ferramentas e metodologias de trabalho, é uma experiência que o bolsista do PIBID pode desfrutar e se preparar de forma diversificada para quando assumir futuramente uma sala de aula, só que graduado. Abrindo novos caminhos para a formação também de professores/pesquisadores do Ensino de História.

Dito isso, o que queremos enfatizar é que com todas essas atividades (os questionários prévios sobre cinema e os jornais sobre o Cine Ouro Verde), objetivamos mostrar uma das múltiplas maneiras que a História Regional pode ser discutida em sala de aula, a partir de um tema que muitos gostam e geralmente participam bastante, que é o Cinema. Mesmo este não sendo tão trabalhado como gênero, a participação e discussão dos alunos em classe aconteceram de forma muito ativa: quando falavam dos seus filmes prediletos e outras considerações a mais. Para que o aluno compreenda que ele faz parte ativa dessa história que tanto estuda nos livros didáticos, o trabalho com a História Regional se mostrou muito eficaz.

Referências

- ALEGRO, R. C. *Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no Ensino Médio*. 2008. 239f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2008.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. *Psicologia Educacional*. Trad. De Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BARCA, I. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: BARCA, I. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.
- _____. O Papel da Educação Histórica no Desenvolvimento Social. In: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. (Org.). *Educação Histórica: teoria e pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. (p. 21-48).

BONI, P. C.; UNFRIED, R. R.; BENNATO, O. Memórias fotográficas: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013

CAMARGO, A. M. de A. A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Portos, rotas e comércio. São Paulo: FFLCH-USP, 1971, v. 2., p. 225-239.

CASTELNOU, Antonio. Arquitetura londrinense: expressões de intenção pioneira. Londrina: A. Castelnou, 2002.

CINE TEATRO OURO VERDE. Secretaria de Estado da Cultura. Coordenação do Patrimônio Cultural. (Site) Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=129>>. Acessado em 28 de Maio de 2015.

EVANGELISTA, R. P. Cinema: a Arte do Encontro. História das salas de cinema. Breve texto sobre a história das salas de cinema em Londrina. *Cinema de Londrina*. (Site) Disponível em: <<http://cinemadelondrina.blogspot.com.br/p/historia-das-salas-de-cinema.html>>. Acessado em 12 de Maio de 2015.

GERMINARI, G. D. Consciência Histórica de jovens escolarizados e História da cidade. In: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. (Org.). Educação Histórica: teoria e pesquisa. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 91-104.

HISTÓRIA DA CIDADE. 2015. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=5>. Acessado em 12 de Maio de 2015.

LOBO, A. H. L.; LUIZ, P. A. dos S. Ensino de História Local: os conhecimentos prévios como instrumento mediador para a (des)construção da história de Londrina. In: RAMOS, M. E. Teté (Org.). Pesquisa e ensino na construção de uma literacia histórica: atividades do PIBID história da UEL. Londrina: UEL, 2014. (p. 219-229).

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 3 ed., São Paulo: Contexto, 2014. (p. 111-154).

MAROS, A. Falta de pagamento empurra entrega do Cine Teatro Ouro Verde para dezembro. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 13 de fev. 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/falta-de-pagamento-empurra-entrega-do-cine-teatro-ouro-verde-para-dezembro-ejwnzg5vmdja9po0qv566efda>>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

MIOTO, L. H. Breve História dos Realizadores. Breve História do Cinema Londrinense. *Cinema de Londrina*. Disponível em: <<http://cinemadelondrina.blogspot.com.br/p/breve-historia-dos-realizadores.html>>. Acessado em 15 de Maio de 2015.

MUNHOZ, T. de O. *Cine Teatro Ouro Verde: memória afetiva*. 2013. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RAMOS, M. E. T. A experiência de formação do profissional da história pelo PIBID na Universidade Estadual de Londrina. In: _____. (Org.). *Pesquisa e ensino na*

construção de uma literacia histórica: atividades do PIBID história da UEL. Londrina: UEL, 2014. (p. 11-26).

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. *Ensinar História*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

SUZUKI, J, H. *Artigas e Cascaldi: Arquitetura em Londrina*. Granja Viana. Cotia. São Paulo. 2003.

*Recebido em 21 de Outubro de 2015.
Aprovado em 15 de Julho de 2016.*